

Alcoolismo no ensino médio: uma contribuição da enfermagem

Rodrigo Dornelas Thomaz¹, Adilson da Costa Filho² e Márcia Ribeiro Braz³

Resumo

A bebida alcoólica pode ser considerada como a droga mais vendida no mundo, e o alcoolismo, que dela resulta, é um sério problema de saúde pública mundial. Além da alta prevalência do consumo de álcool por adolescentes, dois outros fatores são relevantes, a idade de início do uso de álcool e o padrão de consumo. No município de Valença, no Estado do Rio de Janeiro percebe-se que muitos adolescentes estão cada vez mais cedo, consumindo álcool, de forma que afetam a si próprios, seus familiares e à sociedade. O enfermeiro, como um educador em potencial, tem muito a oferecer, desde o acolhimento com orientação, palestras, campanhas educativas, entre outras ações que envolvam os afetados até ações que objetivem a conscientização da sociedade quanto ao reconhecimento do alcoolismo como uma doença. Este estudo tem como objetivo estimar o consumo de álcool entre estudantes do ensino médio, de uma escola da rede pública estadual, no município de Valença/RJ. Estudo descritivo e exploratório, transversal de abordagem quantitativa, desenvolvido no Colégio Estadual Theodorico Fonseca, localizado no centro da cidade de Valença-RJ. A pesquisa foi realizada em duas turmas regulares e em uma do EJA, totalizando 38 estudantes. Para a coleta de dados utilizou-se um questionário fechado, de autopreenchimento com questões sobre o consumo de álcool. Os resultados da pesquisa foram analisados descritivamente, através de gráficos e tabelas no *Software Microsoft Excel 2013* e discutidos sob a luz da literatura pertinente. Dos 38 estudantes, 95% deles já haviam ingerido bebida alcoólica em algum momento de sua vida. Apenas dois entrevistados do sexo masculino relataram não consumir álcool. Portanto, temos um maior número de mulheres que já ingeriram álcool. A frequência na ingestão de bebidas alcoólicas foi apontada nas ocasiões especiais e um número significativo de estudantes que experimentaram bebidas alcoólicas, hoje não as consomem mais. O local onde consumiram álcool pela primeira vez foi em festas e a idade que isso ocorreu variou de 8 a 16 anos e se encontravam em sua maioria, em companhia de amigos. Em relação ao conhecimento dos pais sobre o consumo de álcool, metade da amostra tem conhecimento e permitem este consumo. A bebida apontada como a primeira a ser experimentada pelos estudantes foi a destilada doce, as do tipo ice, seguida da cerveja e do vinho. Conclui-se que estratégias preventivas ao alcoolismo deve ser um processo contínuo nesse colégio e deve se expandir para outras instituições, visto que há adolescentes que utilizam bebida alcoólica, além disso, estender a reflexão do consumo de álcool para os pais. O enfermeiro objetivando à integralidade do cuidado, é importante que ele esteja instrumentalizado para a

1. Discente do 10 período da Faculdade de Enfermagem de Valença (FEV-CESVA)

2. Doutor, professor da disciplina de bioquímica do curso de Medicina da Universidade Iguazu (UNIG)

3. Doutora, professora da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade de Enfermagem de Valença (FEV-CESVA)

execução de programas de educação em saúde, voltados para o jovem e para a família, sendo capaz de traçar estratégias e metas com vista a estimular a redução de danos e o comportamento seguro diante do consumo de álcool.

Palavras-chave: bebida alcoólica, consumo, estudantes, enfermagem.

Alcoholism in high school students: a contribution of nursing

Abstract

The alcohol can be considered as the drug most sold in the world, and alcoholism, you will entail a serious problem of public health worldwide. In addition to the high prevalence of alcohol consumption by adolescents, another two factors are relevant, the age of onset of alcohol use and consumption pattern. In the city of Valença in the state of Rio de Janeiro it is clear that many teenagers are increasingly early, consuming alcohol, so that affect themselves, their families and society. The nurse, as a potential educator, has a lot to offer, from the reception with guidance, lectures, educational campaigns, among other actions involving affected by actions that aim to raise awareness of society on the recognition of alcoholism as a disease. This study aims to estimate alcohol consumption among high school students, a school of public schools in the city of Valença / RJ. descriptive study, cross a quantitative approach developed in the State College Theodorico Fonseca, located in the center of Valença-RJ. The survey was conducted in two regular classes and a EJA, totaling 38 students. For data collection was used a closed questionnaire, self-administered with questions about alcohol consumption. The survey results were analyzed descriptively, through charts and graphs in Microsoft Excel Software 2013 and discussed in the light of the relevant literature. of the 38 students, 95% of them had drunk alcohol at some point in your life. Only two male respondents reported not drinking alcohol. So we have a greater number of women who have ingested alcohol. The frequency in alcohol consumption was appointed on special occasions and a significant number of students who have experienced alcohol today do not consume more. The place where cosumiram alcohol for the first time was at parties and age that occurred ranged from 8 to 16 years and were mostly in the company of friends. Regarding parents' knowledge about alcohol consumption, half of the sample is aware and allow this consumption. The drink cited as the first to be experienced by students was fresh distilled, the type of ice, followed by beer and wine. It is concluded that preventive strategies against alcoholism should be an ongoing process in this school, and must expand to other institutions, as there are teenagers who use alcohol, moreover, extend the reflection of alcohol for parents. Nurses in order to comprehensive care, it is important that it is instrumental for the implementation of health education programs aimed at the youth and the family, being able to develop strategies and goals in order to encourage harm reduction and safe behavior on alcohol consumption.

Keywords: alcohol, consumption, estudantes, nursing.

Introdução

O consumo de álcool hoje é um dos problemas mais sérios entre os jovens brasileiros. O problema do alcoolismo na adolescência é cada vez mais alarmante, pois cada vez mais cedo os jovens começam a beber e sem moderação (CRUZ, 2011).

Laranjeira et al. (2007) destacam que a bebida alcoólica pode ser considerada como a droga mais vendida no mundo, e o alcoolismo, que dela resulta, é um sério problema de saúde pública mundial. Além da alta prevalência do consumo de álcool por adolescentes, dois outros fatores são relevantes, a idade de início do uso de álcool e o padrão de consumo.

Estudos sugerem que a idade de início vem se tornando cada vez mais precoce no Brasil, e a média de idade para o primeiro uso de álcool é 12,5 anos (VIEIRA et al., 2007). Para Meloni e Laranjeira (2004) quanto mais precoce a experimentação, piores as consequências e maior o risco de desenvolvimento de abuso e dependência de álcool.

Para Silva et al. (2013), percebe-se claramente que os conflitos familiares são mais frequentes na adolescência, muitas das vezes os pais perdem o controle sobre os filhos, os quais na ânsia de se inserirem no meio adulto buscam independência a qualquer custo, muitas vezes fazendo uso de atitudes rebeldes sem mensurarem suas consequências. Diante de tais conflitos Silva e Padilha (2011) verificou que estes estão ligados ao estreitamento do uso de álcool e drogas.

Neste período complexo da adolescência, a abordagem ao jovem torna-se muito difícil. Se esse grupo que ele escolheu se inserir estiver usando drogas, poderá pressioná-lo a usar também. Ao entrar em contato com drogas, nesse período de maior vulnerabilidade, o adolescente expõe-se também a muitos riscos. O encontro do adolescente com a droga é um fenômeno muito mais frequente do que se pensa (MARQUES; CRUZ, 2000).

O sentimento de invulnerabilidade experimentado com frequência pelos adolescentes e a falta de rituais de passagem da infância à vida adulta nas sociedades atuais, sobretudo nas ocidentais, fortemente influenciados pelos avanços tecnológicos, têm gerado condutas substitutivas de risco, entre elas o

consumo de drogas com o seu caráter de transgressão, ainda mais evidente no caso das drogas ilícitas (BRASIL, 2006).

A preferência pelo consumo de álcool por adolescentes ocorre pelos efeitos da substância que, no início, é de bem-estar. Além disso, proporciona satisfação, fácil inserção no grupo com os amigos, sendo utilizado como fonte de alívio para o estresse em relação aos fatores familiares e escolares (SIMÕES et al., 2006).

Malta et al. (2011) analisaram os resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em parceria com o Ministério da Saúde (MS), na qual foram incluídos os escolares do nono ano (antiga oitava série) do Ensino Fundamental em escolas públicas e privadas das capitais dos estados brasileiros e do Distrito Federal, no primeiro semestre de 2009. A PeNSE revelou a prevalência do consumo de álcool e outras drogas entre escolares nas capitais brasileiras e Distrito Federal. Cerca de três quartos dos adolescentes de 13 a 15 anos já haviam experimentado álcool, cerca de um quarto bebeu regularmente nos últimos 30 dias com episódios de embriaguez e 9% relataram ter tido problemas com o álcool. Quanto à outras drogas, 8,7% relataram já ter experimentado estas substâncias alguma vez na vida. A experimentação tanto do álcool e quanto de outras drogas ocorreu muito precocemente. Estes dados mostram a extensão do problema de tema tão sensível junto aos adolescentes brasileiros. São diversas as formas de obtenção do álcool pelos jovens, com destaque ao acesso em festas, seguido de bares, lojas e na própria casa.

A literatura aponta um padrão de consumo assustador entre os adolescentes que bebem. Estes tendem a episódios de abuso agudo (*binge drinking*), ou seja, beber cinco ou mais doses em uma ocasião (VIEIRA et al., 2007).

Segundo a Organização Mundial de Saúde, beber moderadamente significa, para os homens, o consumo de menos do que 21 unidades de álcool por semana e para mulheres, o consumo de até 14 unidades de álcool por semana. Cada unidade equivale a 10g de álcool, por exemplo, 350 ml de cerveja com 4% de álcool equivale a 1,5 unidades. Resumindo, os homens

podem consumir no máximo por volta de duas latas de cerveja por dia e mulheres uma lata (CRUZ, 2011).

Os Centros de Atenção Psicossocial a usuários de álcool e outras drogas (CAPS ad) apresenta-se como uma estratégia para a prevenção, o acompanhamento e o tratamento dos usuários e familiares:

Com presença obrigatória do enfermeiro, psiquiatra, psicólogo e assistente social. As atividades dos grupos de apoio com usuários de drogas e com familiares desenvolvidas nos CAPS ad apresentam-se como metodologias assistenciais utilizadas pelos profissionais da saúde/enfermagem com objetivo terapêutico. Forma de cuidar que favorece a interação e a integração de seus participantes, contribuindo para o processo de aprendizagem e de crescimento pessoal demandando habilidades em técnicas interpessoais de comunicação, relacionamento terapêutico e manejo grupal (MORAES *et al.*, 2006, p. 2)

Destaca-se neste contexto de saúde, a participação do profissional enfermeiro, na execução das ações educativas com adolescentes, visualizando e coordenando oficinas, estratégias educativas, incentivadora da construção da problematização e sensibilização.

O enfermeiro ao desenvolver as ações educativas promove no grupo uma discussão de forma dinâmica que envolve os participantes e propicia a estes a exposição das suas dúvidas em ambiente de acolhimento e prevenção (TAVARES LUNA *et al.*, 2012). O desenvolvimento de habilidades em torno dos riscos do alcoolismo, na perspectiva da promoção da saúde e prevenção, constitui um desafio para os profissionais de saúde. O trabalho com adolescente exige um processo de crescimento e de aquisição de novas competências: conhecimentos, habilidades e atitudes para os dois protagonistas do processo: enfermeiro e adolescente (GURGEL *et al.*, 2008).

Considerando a importância da adolescência como uma fase vulnerável à aquisição de hábitos, os quais podem se tornar duradouros ao longo da vida é necessário que autoridades e sociedade se empenhem em estratégias preventivas para este mal que assola os jovens no Brasil. No município de Valença, no Estado do Rio de Janeiro percebe-se que muitos adolescentes estão cada vez mais cedo, consumindo álcool, de forma que afetam a si próprios, seus familiares e à sociedade. O enfermeiro, como um educador em

potencial, tem muito a oferecer, desde o acolhimento com orientação, palestras, campanhas educativas, entre outras ações que envolvam os afetados até ações que objetivem a conscientização da sociedade quanto ao reconhecimento do alcoolismo como uma doença.

Diante do problema apresentado este estudo tem como objetivo estimar o consumo de álcool entre estudantes do ensino médio, de uma escola da rede pública estadual, no município de Valença/RJ.

Abordagem metodológica

Estudo descritivo e exploratório, transversal com abordagem quantitativa, desenvolvido no Colégio Estadual Theodorico Fonseca, localizado no centro da cidade de Valença-RJ. Este colégio recebe regularmente, estudantes de vários bairros em que não há ensino médio.

Foi solicitada, à Diretora do colégio, autorização para o desenvolvimento da pesquisa. Após sua anuência, o estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina de Valença, recebendo CAAE 50559315.1.0000.5246 atendendo a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

A pesquisa foi realizada com estudantes do 3º ano do Ensino Médio (EM), uma vez que nos demais anos havia uma alta prevalência de menores. E o critério de exclusão deste estudo foi a menor idade.

Realizou-se uma visita prévia ao Colégio Theodorico Fonseca, para apresentação do projeto, com entrega de uma cópia do mesmo, à diretora do colégio. Aproveitou-se o momento para efetuar o levantamento do número de turmas do 3º ano do EM, indicações do turno em que funcionavam e do número de estudantes em cada uma delas. Percebeu-se que o tema da pesquisa era de interesse da diretora. Houve relatos da mesma, de dificuldades para trabalhar esta o assunto com os estudantes e, também, sobre medidas adotadas para diminuir o envolvimento dos mesmos com drogas, fossem lícitas ou não.

O colégio possui quatro turmas do 3º ano do EM, sendo duas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e duas do EM regular, todas do turno noturno. Cada turma tem em média 30 alunos, dando um total aproximado de 120 alunos. A pesquisa foi realizada em duas turmas regulares e em uma do EJA, para atingir uma meta superior a 30% dos alunos. Alguns estudantes dessas turmas não quiseram responder e outros eram menores de idade. Aceitaram participar da pesquisa estudantes de ambos os sexos.

A coleta de dados foi realizada pelo próprio pesquisador, que utilizou um questionário fechado, de autopreenchimento e sem identificação do estudante, composto por 14 questões sobre o consumo de álcool.

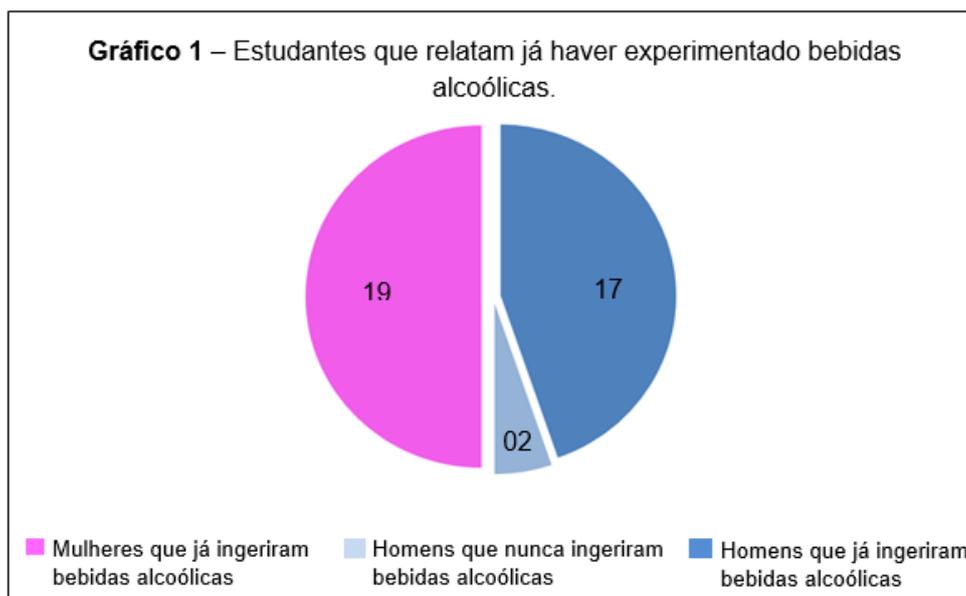
A coleta aconteceu no mês de novembro de 2015. O questionário foi entregue aos estudantes, em sala de aula, com autorização do docente que atuava naquele momento. Após o preenchimento, os questionários foram colocados em um envelope para que o sigilo quanto à identidade dos respondentes fosse respeitado.

Os resultados da pesquisa foram analisados descritivamente, através de gráficos e tabelas no *Software Microsoft Excel 2013* e discutidos sob a luz da literatura pertinente.

Resultados e discussão

Participaram do estudo 40 estudantes, dos quais dois (5%) apresentaram inconsistências no preenchimento do questionário e foram excluídos. Curiosamente, dos 38 (trinta e oito) questionários válidos, 19 (dezenove) pertenciam a estudantes do sexo feminino e 19 (dezenove) a estudantes do sexo masculino. As idades variaram de 18 a 29 anos, com média de 19,74 anos. Este dado mostra que, mesmo sendo um curso noturno (incluída aí, a turma da EJA) prevalecem os estudantes de pouca idade.

Dos 38 estudantes, 36 (95%) já haviam ingerido bebida alcoólica em algum momento de sua vida. Os dois entrevistados que relataram não consumir álcool eram homens (Gráfico1). Portanto, em nossa análise, contamos com um maior número de mulheres que já ingeriram álcool (19 mulheres e 17 homens).



A vida social, amigos, baladas, necessidade de autoafirmação e aceitação do grupo viriam em segundo lugar. Nesse aspecto, os jovens são mais influenciáveis (BONFANTE, 2014).

Considerando a naturalização e a familiarização do consumo de álcool pela sociedade, os jovens, muitas vezes, deixam de adotar medidas preventivas e colocam-se, individual ou coletivamente, em perigo (OLIVEIRA; ARNAUTS, 2011).

O contato do adolescente com álcool e drogas é mais comum do que se pensa; como afirma Malta et al. (2011), 8,7% dos escolares das capitais brasileiras já experimentaram alguma vez na vida substâncias ilícitas, pois os adolescentes estão em um grupo de exposição crescente a situações de risco físicos, emocionais e sociais, o que é um grave problema para o futuro destes cidadãos. Considerando esse quadro de vulnerabilidade, a *World Health Organization* (2001) demonstrou em uma pesquisa que o álcool é a substância psicoativa mais consumida no mundo, e ocorre também no universo de jovens e adolescentes. Vieira (2007) em seu estudo afirma que o consumo de álcool inicia cada vez mais precocemente, o que favorece a dependência química, estimulando um padrão abusivo para o consumo de álcool e propicia o uso de outras substâncias psicoativas, entre elas o uso de entorpecentes.

Estudos epidemiológicos sobre consumo de álcool entre os jovens mostram que é na passagem da infância à adolescência que se inicia o uso. Pesquisa realizada nos Estados Unidos aponta que cerca de três milhões de crianças e adolescentes consomem tabaco e álcool, dos quais cerca de 50% dos estudantes consomem álcool pelo menos uma vez por mês, e 31 % do consumo ilegal leva a embriaguez mensalmente (RUIZ; ANDRADE, 2005).

Em relação ao consumo de álcool há ainda uma pequena diferença entre homens e mulheres (COTRIN, 2002).

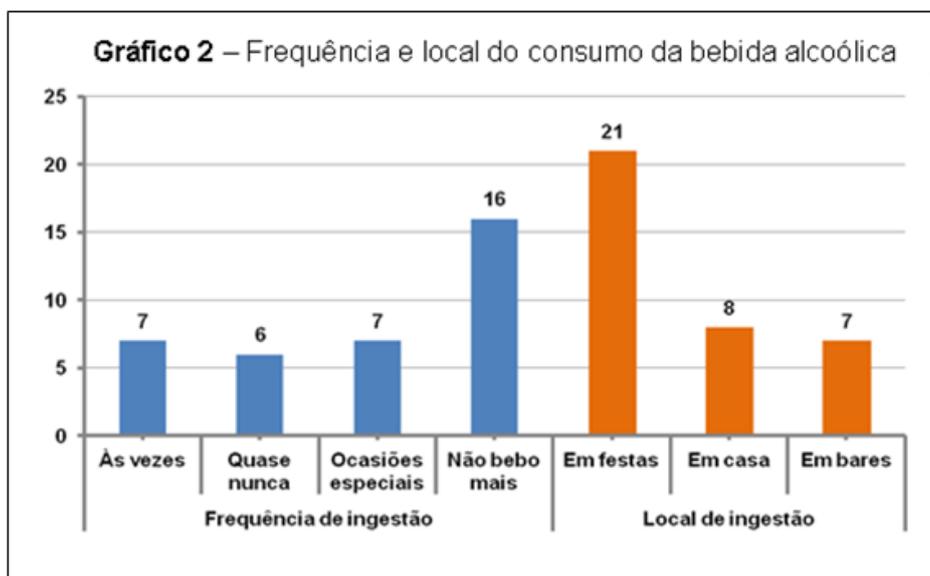
Nossos dados mostram um discreto aumento na experimentação de álcool entre homens e mulheres. Dos 36 estudantes que disseram já ter experimentado bebidas alcoólicas, 19 (52,77%) eram e 17 (47,22%) do gênero masculino. Esse resultado sugere a necessidade de se dar mais ênfase aos estudos epidemiológicos no município de Valença, relacionados ao detalhamento do perfil do alcoolismo feminino em nossa sociedade, visto que, certamente o álcool contribui na etiologia e manutenção de vários problemas sociais, econômicos e de saúde enfrentados em nosso país.

Mansur apud Stamm e Bressan (2007) afirma que o alcoolismo feminino é mais frequente do que se imagina, no entanto os casos não são fielmente divulgados, ficando na maioria das vezes o homem como alcoolista.

Dados do Ministério da Saúde, baseados na pesquisa de Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico (VIGITEL), mostraram que o consumo abusivo de álcool pela população foi de 19% em 2008, contra 17,5% em 2007, e de 16,1% em 2006. Neste estudo foram consideradas mais de 4 doses diárias para as mulheres e mais de 5 doses diárias para os homens como consumo abusivo. Este estudo considerou uma dose como uma lata de cerveja, uma taça de vinho ou uma dose de destilados (BRASIL, 2008). A pesquisa da VIGITEL revelou ainda, um aumento do número de mulheres com consumo abusivo de álcool no decorrer dos anos. Em 2008 este percentual foi de 10,5%, enquanto que, nos anos anteriores, este valor foi menor, atingindo 9,3% em 2007 e 8,1% em 2006 (BRASIL, 2008).

Ao serem questionados sobre a frequência atual de consumo da bebida alcoólica, 07 (19,44%) estudantes responderam às vezes, 06 quase nunca, 07 (19,44%) em ocasiões especiais e 16 (44,44%) disseram não beber mais.

Esse resultado é apontado como positivo, onde temos 16 (44,44%) dos estudantes, atualmente abstêmios.



Em relação à experimentação e o fato de não mais consumir bebidas alcoólicas, apontado neste dado, pode ser atribuído a característica do adolescente que é a curiosidade. E, a conscientização dos mesmos sobre os perigosos de um consumo abusivo desta substância.

Ao debater a questão do início precoce do uso e consumo de drogas lícitas, Ruiz e Andrade (2005) apontam como influências determinantes da experimentação a pressão dos amigos e o ambiente familiar. Segundo Schenker e Minayo (2005), ao abordar o domínio familiar e a sua influência na utilização de substâncias psicoativas pelos adolescentes, destacam-se como fatores de proteção contra o uso de drogas o estabelecimento de fortes vínculos entre pais e filhos, a criação de regras e a imposição de limites claros e coerentes, além da monitorização, supervisão e apoio aos jovens nas suas decisões e atitudes, adotando principalmente o diálogo como prática comum na rotina familiar. O ambiente familiar acaba por influenciar o jovem a experimentar as drogas utilizadas pelos pais e parentes próximos, característica esta que preocupa, uma vez que o uso cotidiano de álcool e tabaco em domicílios brasileiro é elevado (CARLINI; GALDURÓZ, 2007).

Outro dado que se destacou foi o local onde estes estudantes relataram iniciar o consumo de bebidas alcoólicas. Mesmo aqueles que atualmente não consomem bebidas alcoólicas relatam, em sua maioria, 21 (58,33%), que iniciaram o consumo em festas. Outros 08 (22,22%) disseram ter iniciado o consumo em casa, enquanto que 07 (19,44%) citaram os bares.

A maior prevalência de ingestão abusiva nos adolescentes e adultos jovens é preocupante e coerente com as observações de crescimento do consumo de álcool por adolescentes (GALDURÓZ *et al*, 2004). Para Laranjeiras *et al* (2007) os jovens são considerados o grupo populacional sob maiores riscos, de forma que as prevalências de consumo e o padrão de beber, nesse segmento etário, precisam ser especialmente monitorados. Nos jovens, os episódios de bebedeira estão relacionados a acidentes de trânsito, envolvimento em brigas e episódios violentos, uso de drogas ilícitas, gravidez indesejável e outros danos (WHITLOCK *apud* BARROS *et al*, 2008). Vieira *et al* (2007) verificaram intensidade de ingestão e frequência de episódios de uso abusivo mais elevado no segmento que inicia o consumo de bebidas alcoólicas mais precocemente.

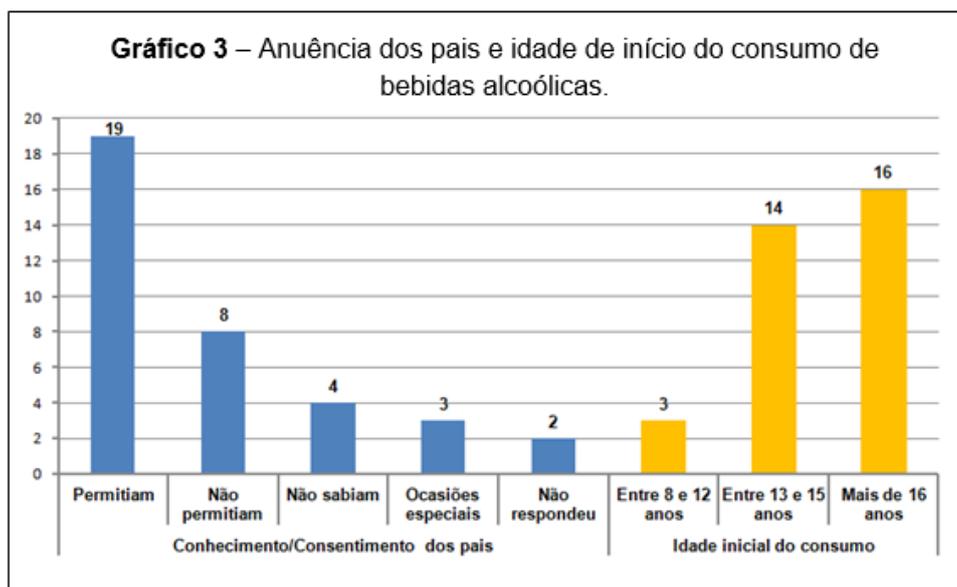
Domeller (2004) comenta que a necessidade de se socializar e pertencer ao grupo faz com que o consumo de álcool aumente, e as pessoas não percebem que aos poucos estão ingerindo álcool em demasia. Uma pesquisa realizada na Escola de Saúde Pública da Universidade de Harvard, em Boston, identificou que 44% dos estudantes embriagam-se ocasionalmente e 74% deles dizem ter passado por esta experiência durante o segundo grau.

Para Laranjeira e Pinsky (2001) o álcool tornou-se algo presente na maioria das ocasiões sociais, tornando-se difícil realizar festas e comemorações entre estudantes sem a presença de bebidas de álcool. Nesta fase, é comum formarem-se grupos para comemorações e bate-papos, e estes mesmos encontros acontecem regados de bebidas alcoólicas, tornando-se uma necessidade para os participantes ingerir álcool para se sentir bem no grupo (DOMELLER, 2004).

Para Galduróz e Caetano (2004) a falta de uma política adequada de controle da propaganda, geralmente associada aos “bons momentos da vida”, e a própria facilidade de obter o produto, tanto pela disponibilidade quanto pela

variedade e baixo preço, tornam o álcool uma droga atrativa, acessível e presente nas mais diferentes formas no universo juvenil.

Estes dados em conjunto nos leva a questionar o papel dos pais nesta situação (Gráfico 3). Quando questionados, os estudantes relataram que 19 (52,77%) pais permitiam o consumo, 08 (22,22%) não o permitiam, 04 (11,11%) destes estudantes, escondiam o fato dos pais, 03 (8,33%) permitiam que seus filhos bebessem em ocasiões especiais (comemorações) e 02 (5,55%) não responderam.

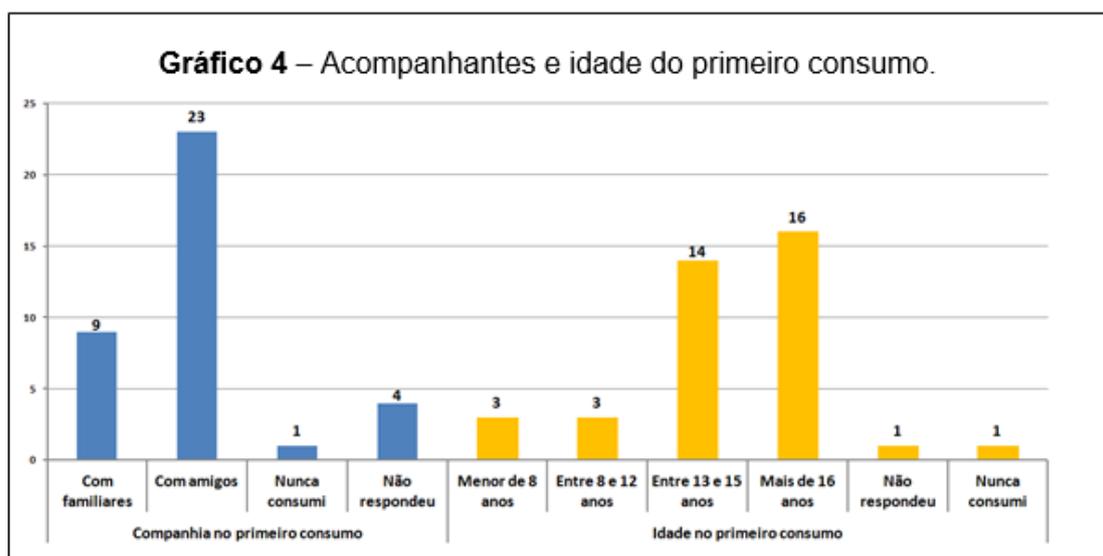


Tanto as famílias como a sociedade aceitam, com certa naturalidade, um jovem consumir bebidas alcoólicas. Pode ocorrer alguma censura se houver abuso no consumo, mas seu uso na família é bem tolerado (STAMM; BRESSAN, 2007). Geralmente, o primeiro contato com a bebida alcoólica acontece no próprio contexto familiar, num almoço em família, jantares, comemorações, passando, então, a fazer parte importante das confraternizações (PAULA, 2001).

Os fatores de risco para o consumo abusivo de álcool estão relacionados a influência da mídia, relacionamento conturbado com os pais e presença de um membro da família que faz uso, abuso sexual e baixa autoestima e ainda, curiosidade e pressão de colegas e amigos para a inserção

em grupos. Também está articulado ao estímulo à experimentação da própria família, por definições culturais, para melhorar a insatisfação diante das condições de vida, inclusive, aquelas ligadas ao desemprego (SOLDERA et al., 2004).

Ao consumirem bebida alcoólica pela primeira vez, 23 (63,88%) estudantes disseram estar na companhia de amigos, 09 (25%) e 04 (11,11%) deles não responderam (Gráfico 4).



A preferência pelo consumo de álcool por adolescentes ocorre pelos efeitos da substância que, no início, é de bem-estar. Além disso, proporciona satisfação, fácil inserção no grupo com os amigos, sendo utilizado como fonte de alívio para o estresse em relação aos fatores familiares e escolares (SIMÕES *et al.*, 2006). Considerando o grupo de amigos e sua importância para os adolescentes, Hartup (2002) aponta que as amigas são essenciais na aquisição de habilidades e competências no desenvolvimento cognitivo, emocional e social, de modo que crianças que têm experiências difíceis com seus pares, apresentam risco, por longo prazo, de consequências negativas, como sair da escola e praticar comportamentos antissociais. Para esse autor, as amigas variam de acordo com os períodos de desenvolvimento, em relação à definição de amigo, aos comportamentos que acontecem dentro da amizade, à qualidade da amizade e ao número de amigos.

Essa atração de outros que são semelhantes, pode ser tanto positiva quanto negativa, desse modo, quem são os amigos e a qualidade das amizades representa um papel importante no desenvolvimento social e emocional da criança e do adolescente (HARTUP, 2002)

Diversos estudos vêm destacando o envolvimento grupal como um dos maiores prenúncios do uso de substâncias psicoativas (CATALANO; HAWKINS, 1996; HUSSONG; CHASSIN, 1997; JENKINS; ZUNGUZE, 1998 apud SILVA, 2010). Schenker e Minayo (2005) observam que há uma sintonia no grupo dos pares, uma vez que jovens que querem começar ou aumentar o uso de drogas, procuram aqueles com valores e hábitos semelhantes.

Os adolescentes hoje são menos controlados pela família e se sentem mais independentes, e o fato de conviverem com algum familiar que consuma bebidas alcoólicas, pode levá-los a querer experimentar situações novas, como o consumo de álcool (SALVADOR, 2008).

Para Anjos, Santos e Almeida (2012) o seio familiar é um dos ambientes que possibilita a vários jovens extraírem lições de valor; por outro lado, este pode ser um agravante na formação pessoal e social do indivíduo.

Tratando-se do uso de bebidas alcoólicas, quando um indivíduo presencia alguém do seu núcleo familiar ingerindo essa substância pode ser influenciado a ingerir também, conforme foi verificado no presente estudo. Um relacionamento familiar equilibrado, com confiança, a participação efetiva dos pais na educação dos filhos, o exemplo dos pais com uma conduta em relação ao álcool de serenidade e equilíbrio são fatores de proteção para o filho no que se refere ao uso do álcool (ALAVARSE; CARVALHO, 2006). Deste modo, os números aqui levantados sugerem uma reflexão mais profunda acerca do importante papel que a família exerce na proteção do jovem, prevenindo consequências deletérias para sua saúde e colaborando para uma qualidade de vida cada vez melhor. Ao relatarem a idade que consumiram bebida alcoólica pela primeira vez, 16 (44,44%) estudantes disseram ter consumido após os 16 anos; outros 14 (38,88%) entre 13 e 15 anos; destacam-se 03 (8,33%) estudantes entre 8 e 12 anos e 03 (8,33%) estudantes consumiram com menos de oito anos de idade.

Diante desses dados, parece importante reconhecer que mesmo sendo proibida a venda de bebidas alcoólicas para menores de 18 anos de idade, 20 deles indicaram já haver adquirido alguma bebida alcoólica. No Brasil, em 2006, o Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas (CEBRID) evidenciou que, dos adolescentes entre 12 e 17 anos, 48,3%, já beberam alguma vez na vida. Destes, 14,8% bebem regularmente e 6,7% são dependentes de álcool, o que o faz a droga mais utilizada pelo público adolescente, que está precocemente exposto ao contato (ROZIN et al., 2012).

Gonçalves e Tavares (2007) acreditam que o consumo de álcool, estimula o uso de drogas ilícitas, sendo considerado a iniciação para as drogas ilícitas. A probabilidade de o adolescente tornar-se dependente aumenta quanto mais precoce for seu consumo. Além disso, com o uso frequente, o organismo cria tolerância à droga, e para satisfazer (como nos efeitos iniciais) é preciso aumentar as doses, que, em consequência do uso contínuo, desenvolve a dependência pelo álcool (ROZIN et al., 2012).

Os estudantes relataram que dentre as bebidas alcoólicas que foram experimentadas, foram citadas a cerveja, o vinho e em grande quantidade, as bebidas destiladas doces, do tipo ices. Observa-se também que alguns estudantes já consumiram mais de um tipo de bebida alcoólica.

Apesar do cerco à venda ilegal de bebidas a menores, reforçado com a nova lei antiálcool, as bebidas adocicadas continuam atraindo o paladar de quem ainda não completou 18 anos. É o caso dos chamados coquetéis de vinho e das bebidas ice, uma associação de bebidas destiladas (principalmente vodka), com suco de abacaxi, limão, kiwi, laranja, pêssego, uva. Os sabores são variados, mas o risco é o mesmo.

Para o psiquiatra Ronaldo Laranjeira, da UNIFESP (Universidade Federal Paulista), esse tipo de bebida é uma estratégia da indústria do álcool para arrebanhar consumidores o mais cedo possível (CRUZ, 2011).

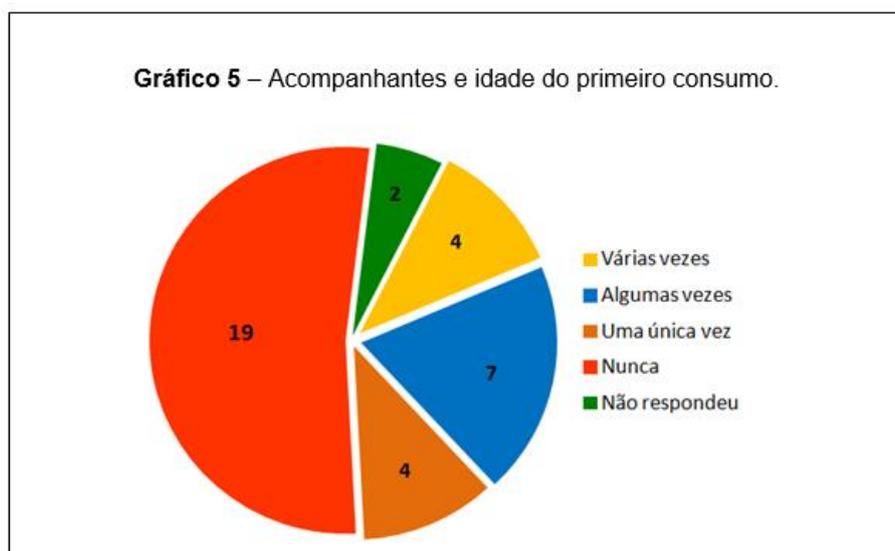
A cerveja foi citada logo abaixo das bebidas ices. Nos estudos de Laranjeira e Pinsky (2007), Duailibi e Laranjeira (2007) e Dallo (2009). Para estes autores, a preferência pela cerveja justifica-se por ser uma bebida relativamente barata, vinculada a propagandas sedutoras, facilmente acessível e conveniente ao meio social. A disponibilidade da substância intensifica o

consumo e, conseqüentemente, aumenta a quantidade e a importância dos problemas a ela associados.

Nossos dados também corroboram o estudo de Galduróz e Caetano (2004), ao destacarem que a cachaça não é a bebida mais consumida no Brasil, conforme o propagado, sendo que a cerveja aparece em primeiro lugar, com 54 litros *per capita*/ano; depois vem a cachaça, com 12 litros *per capita*/ano, seguida pelo vinho, com 1,8 litros *per capita*/ano (RAMOS; BERTOLETE apud STAMM; BRESSAN, 2007).

A Região Sudeste do Brasil, onde se localiza o Município de Valença, apresenta um padrão de consumo de álcool em que 50% da população com 18 anos ou mais de idade ingerem bebida alcoólica, 6% diariamente e 18% uma a quatro vezes à semana (LARANJEIRA *et al*, 2007).

Os estudantes que já haviam experimentado bebidas alcoólicas, quando questionados sobre o álcool ter ultrapassado seu limite físico, 19 (52,77%) deles disseram nunca ter ultrapassado seus limites (embriaguez), 07 (19,44%) relataram que sim, ficaram embriagados algumas vezes, 04 (11,11%) estudantes disseram várias vezes e, 02 (5,55%) não responderam.



Este estado de alteração do comportamento devido a embriaguez pode levar a sérias conseqüências. Ao consumo excessivo de álcool atribui-se, parcela importante dos acidentes de trânsito, acidentes de trabalho e episódios

de violência, os quais incluem maus tratos a crianças e violência doméstica, além de sua associação com a criminalidade (CHALUB; TELLES, 2006).

O trauma aparece como um agravo violento e uma das consequências decorrentes do comportamento alterado pelo consumo de álcool. Oliveira e Arnauts (2011) destacam que em uma pesquisa realizada com jovens até 18 anos de idade, com diagnóstico médico de intoxicação alcoólica e histórico de violência, foram apontados aqueles que sofreram agressão com 10,8 vezes mais chances de necessitarem de internação hospitalar em relação aos que não relataram associação com violência. Para as crianças e adolescentes com intoxicação alcoólica e acidentes por causas diversas, a chance de necessitarem de internação foi 14,2 vezes maior.

Outros estudos comprovam, ainda, que adolescentes que fazem uso de álcool têm menor capacidade de se prevenirem contra DST/AIDS (LOPES; MAIA, 2001). Os dados revelam que o aumento do número de parceiros e de relações sexuais está diretamente relacionado à quantidade de álcool consumida (ALAVARSE; CARVALHO, 2006)

Conclusão

Concluimos que apesar de os estudantes pesquisados terem consumido álcool precoce, um número significativo destes, atualmente não ingerem mais bebidas alcoólicas. Parece assim, que fatores aliados à família e amigos estão associados ao desenvolvimento de causas pessoais que inibem ou facilitam o consumo de álcool. Entretanto, os que ainda consomem álcool, estão vulneráveis a comportamentos de risco.

A estimativa de estudantes que fazem uso de álcool torna-se relevante, visto que o crescimento do consumo e a gravidade dessa problemática vêm exigindo dos órgãos governamentais e da própria sociedade, estratégias preventivas que evitem os malefícios causados pelo álcool.

O enfermeiro é um profissional voltado para a implementação do cuidado à saúde, em todos os ciclos de vida. Objetivando à integralidade do cuidado, é importante que ele esteja instrumentalizado para a execução de programas de educação em saúde, voltados para o jovem e para a família, sendo capaz de

traçar estratégias e metas com vista a estimular a redução de danos e o comportamento seguro diante do consumo de álcool.

Neste sentido, conclui-se que estratégias preventivas ao alcoolismo deve ser um processo contínuo nesse colégio e deve se expandir para outras instituições, visto que há adolescentes que utilizam bebida alcoólica, além disso, estender a reflexão do consumo de álcool para os pais.

O colégio Theodorico Fonseca merece maior enfoque dos profissionais da saúde, uma vez que ele proporciona conhecimento, educação e favorece o crescimento intelectual e pessoal.

O estudante de enfermagem do CESVA, entre suas competências e habilidades, insere-se também na educação, abrangendo a área da Educação Básica, uma vez que esta proporciona os pilares para o indivíduo crescer e se desenvolver com saúde. Nesse sentido oferece estratégias educacionais preventivas ao consumo de álcool e drogas, neste e em outros colégios da região.

Referencias bibliográficas

ALAVARSE, G.; CARVALHO, M. D. B. Álcool e adolescência: o perfil de consumidores de um município do norte do Paraná. Rio de Janeiro. **Esc. Anna Nery R. Enferm.**, v. 10, n. 3, p. 408-16, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v10n3/v10n3a08>>. Acesso em 02 de nov. 2015.

ANJOS, K. F.; SANTOS, V. C.; ALMEIDA, O. S. O significado e percepção das consequências do consumo de álcool da população adolescente de um colégio particular em Lisboa. Portugal. **Rev. Baiana Saúde Pública**, Bahia, v. 36, n. 2, p. 418-431, 2012. Disponível em: <http://inseer.ibict.br/rbsp/index.php/rbsp/article/viewFile/468/pdf_149>. Acesso em 06 nov, 2015.

BARROS, M. B. A. et al. Perfil do consumo de bebidas alcoólicas: diferenças sociais e demográficas no Município de Campinas, Estado de São Paulo, Brasil, 2003. **Rev. Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v. 17, n. 4, dez. 2008. Disponível em: <http://scielo.iec.pa.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742008000400003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 12 maio 2011.

BONFANTE, A. P. O Alcoolismo no Processo de Aprendizagem de Crianças e Jovens. Portal Valença RJ, 2014 [online]. Disponível em <<http://www.portalvalencarj.com.br/o-alcoolismo-no-processo-de-aprendizagem-de-criancas-e-jovens/>>. Acesso em 02 de Nov. 2015.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Manual de Atenção à Saúde do Adolescente: coordenação de desenvolvimento de programas e políticas de saúde - CODEPPS**. São Paulo. 2006, 69 a 76, 185 a 187. Disponível em: <[http://www.tele.medicina.ufg.br/files/palestrasmaterial/Manual do Adolescent e.pdf](http://www.tele.medicina.ufg.br/files/palestrasmaterial/Manual_do_Adolescent_e.pdf)>. Acesso em 07 de abril de 2014.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Cresce consumo abusivo de álcool entre os brasileiros** [Internet]. 2008. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/aplicacoes/reportagensEspeciais/default.cfm?pg=dspDetalhes&id_area=124&CO_NOTICIA=10082>. Acesso em: 02 nov. 2015.

CARLINI, E. L. A.; GALDURÓZ, J. C. et al. **II levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país, 2005**. Brasília: SENAD, 2007.

COTRIN, Beatriz Carlini. Drogas: **Mitos e Verdades**. 7ª ed. São Paulo: Ática; 2002.

CHALUB, M.; TELLES, L. E. B.. Álcool, drogas e crime. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, São Paulo , v. 28, supl. 2, p. 69-73, Oct. 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462006000600004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 06 Nov. 2015.

CRUZ, L. A. Consumo de álcool cresce entre estudantes[internet], 2011. Disponível em: <<http://www.alcoolismo.com.br/artigos/consumo-de-alcool-cresce-entre-estudantes/>>. Acesso em: 30 outubro de 2015.

DUAILIBI, S.; LARANJEIRA, R. Políticas públicas relacionadas às bebidas alcoólicas. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo , v. 41, n. 5, p. 839-848, Oct. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102007000500019&lng=en&nrm=iso>. Acesso 06 Nov. 2015.

DALLO, Luana. **Padrão de uso de álcool e outras drogas entre estudantes de Cascavel - PR**. 2009. 95 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/90209>>. Acesso 06 Nov. 2015.

DOMELLER, C. **Manual de diagnóstico e estatística de transtornos mentais**. 4ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2002.

GALDUROZ, J. C. F. et al . Trends in drug use among students in Brazil: analysis of four surveys in 1987, 1989, 1993 and 1997. **Braz. J. Med. Biol. Res.**, Ribeirão Preto, v. 37, n. 4, p. 523-531, Apr. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100879X200400040009&lng=en&nrm=iso>. Acesso 02 Nov. 2015.

GALDUROZ, J. C. F.; CAETANO, R. Epidemiologia do uso de álcool no Brasil. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, São Paulo , v. 26, supl. 1, p. 3-6, May 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462004000500002&lng=en&nrm=iso>. Acesso 09 Nov. 2015.

GURGEL et al. Gravidez na adolescência: tendência na produção científica de enfermagem. **Esc. Anna Nery Rev. Enferm.** v.12, n.4,p.799-05, 2008. Disponível em: <<http://www.eean.ufrj.br>>Acesso 02 Out. 2015

GONÇALVES, Sonia Silva Paiva Mota; TAVARES, Claudia Mara de Melo. Atuação do enfermeiro na atenção ao usuário de álcool e outras drogas nos serviços extra- hospitalares. Rio de Janeiro. **Esc. Anna Nery Ver. Enferm.**, v. 11, n. 4, p.586 – 92, 2007. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ean/v11n4/v11n4a05>>. Acesso em 02 nov. 2015.

HARTUP, W. W. Friendships. In: CRAIG, W. **Childhood social development: the essential reading**. Oxford, UK: Blakwell Publishers, 2002. HIAE. Hospital Israelita Albert Einstein. Programa de álcool e drogas. Álcool e drogas sem distorção. Disponível em < <http://www.einstein.br/alcooledrogas>>. Acesso em 10 set. 2015.

LARANJEIRA, R.; PINSKY, I. **O alcoolismo**. 5ª ed. São Paulo: Contexto; 2001.

LARANJEIRA, R.; PINSKY, I. et al. **I Levantamento nacional sobre os padrões de consumo de álcool na população brasileira**. Brasília: Secretaria Nacional Antidrogas; 2007.

MALTA, D. C. et al. Prevalência do consumo de álcool e drogas entre adolescentes: análise dos dados da Pesquisa Nacional de Saúde Escolar. **Rev. Bras. Epidemiol.**, São Paulo, v. 14, supl. 1, Sept. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2011000500014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 08 Abr. 2014.

MARQUES, A. C. P. R.; CRUZ, M. S. O adolescente e o uso de drogas. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, São Paulo v. 22, supl. 2, Dec. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em 08 de abril de 2015.

MELONI, J. N.; LARANJEIRA, R.. Custo social e de saúde do consumo do álcool. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, São Paulo, v. 26, supl. 1, Mai 2004. Disponível em<<http://www.scielo.br/scielo.>>. Acesso em 10 Abr. 2015.

MORAES, L. M. P.; LOPES, M. V. O.; BRAGA, V. A. B. Componentes funcionais da teoria de Peplau e sua confluência com o referencial de grupo. **Acta Paul. Enferm.**, São Paulo , v. 19, n. 2, p. 228-233, Jun 2006. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo.php?>>. Acesso 31 Out. 2015.

OLIVEIRA, M. L. F.; ARNAUTS, I. Intoxicação alcoólica em crianças e adolescentes: dados de um centro de assistência toxicológica. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro , v. 15, n. 1, p. 83-89, Mar. 2011 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141481452011000100012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 04 Nov. 2015.

PAULA, W. K. **Drogas e dependência química: noções elementares**. Florianópolis: Papa-Livro; 2001.

ROZIN, L.; ZAGONEL, I. P. S. Fatores de risco para dependência de álcool em adolescentes. **Acta Paul. Enferm.**, São Paulo , v. 25, n. 2, p. 314-318, 2012 Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002012000200025&lng=en&nrm=iso>. Acesso 02 Nov. 2015.

RUIZ, M. R.; ANDRADE, D.. La familia y los factores de riesgo relacionados con el consumo de alcohol y tabaco en los niños y adolescentes (Guayaquil-Ecuador). **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto , v. 13, n. spe, p. 813-818, Oct. 2005 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010411692005000700008&lng=en&nrm=iso>. Acesso 04 Nov. 2015.

SALVADOR, M. T. F. O significado e percepção das consequências do consumo de álcool da população adolescente de um colégio particular em Lisboa [Dissertação]. São Paulo (SP): Universidade Aberta; 2008.

SILVA, I. A. O consumo de bebidas alcoólicas por estudantes do ensino médio e características do grupo de pares. 2013. 97 f. Dissertação - Universidade Estadual Paulista Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília. São Paulo, 2010 [Internet]. Disponível em: <http://www.bv.fapesp.br/pt/publicacao/83398/o-consumo-de-bebidas-alcoolicas-por-estudantes-do-ensino-med/>>. Acesso em 06 nov 2015.

SILVA, S. E. D.; PADILHA, M. I. Atitudes e comportamentos de adolescentes em relação à ingestão de bebidas alcoólicas. **Rev. Esc. Enferm.**, São Paulo, v. 45, n. 5, Oct. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em 08 de abril 2014.

SIMÕES, C.; MATOS, M. G.; BATISTA-FOGUET, J. Consumo de substâncias na adolescência: um modelo explicativo. **Psic. Saúde & Doenças**, Lisboa, v. 7, n. 2, 2006. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?> >. Acessos em 31 out. 2015.

SOLDERA, M. Uso pesado de álcool por estudantes dos ensinos fundamental e médio de escolas centrais e periféricas de Campinas (SP): prevalência e fatores associados. **Rev. Bras. Psiquiatr.** São Paulo, v. 26, n. 3, p. 174-179, Sept. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S15164446200400030007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 02 Nov. 2015

SCHENKER, M.; MINAYO, M. C. S. Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. **Rev. Ciênc. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 707-717, Sept. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141381232005000300027&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 04 Nov. 2015.

STAMM, M.; BRESSAN, L. Consumo de álcool entre estudantes do curso de enfermagem de um município do oeste catarinense. **Rev. Cienc. Cuid. Saude**, v.6, n.3, p.319-324, 2007. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/3992/2713>>. Acesso em 02 nov. 2015.

TAVARES LUNA, I. et al. Ações educativas desenvolvidas por enfermeiros brasileiros com adolescentes vulneráveis às dst/aids. **Cienc. Enferm.**, v. 18, n. 1, p. 43-55, abr. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S07179553201200010005&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 31 oct. 2015.

VIEIRA, D. L. et al. Álcool e adolescentes: estudo para implementar políticas municipais. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 41, n. 3, June 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003489102007000300011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 08 Abr. 2015.

VIEIRA, D. L.; RIBEIRO, M.; LARANJEIRA, R. Evidence of association between early alcohol use and risk of later problems. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, São Paulo, v. 29, n. 3, p. 222-227, Sept. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151644462007000300006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 02 Nov. 2015.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Global status report: alcohol and young people**. Geneva: 2001. Disponível em <http://www.who.int/substance_abuse/publications/alcohol/en/>. Acesso em 30 out 2015.